

Narrativas em jogo: a produção da memória coletiva no futebol brasileiro¹

Marcelo Continelli

Museu do Futebol, Brasil

Resumo

O texto discute o futebol como um dos principais organizadores de memórias, identidades e experiências coletivas no Brasil. Argumenta como o esporte estrutura repertórios compartilhados que mobilizam emoções, pertencimentos e formas de sociabilidade expressas em rituais, símbolos e práticas de torcedores. A mídia desempenha papel central nesse processo, ao ampliar a visibilidade de acontecimentos, criar narrativas emocionais e consolidar ídolos e imagens que passam a integrar o imaginário social. O texto analisa ainda como o Museu do Futebol atua na mediação dessas memórias que ativam lembranças individuais e coletivas ao longo do percurso expositivo. Por fim, aponta-se que a memória do futebol brasileiro se torna mais plural ao incorporar trajetórias antes marginalizadas, como o futebol feminino e o futebol de várzea, contribuindo para um cenário de narrativas em disputa e para a ampliação dos sentidos atribuídos ao esporte.

Palavras-chave: memória coletiva; museologia; futebol; identidade; mídia.

1 Esse texto é fruto da participação do referido autor no III Colóquio Internacional INCT Futebol, intitulado *O futebol visto pelas ciências humanas – estudos e perspectivas ibero-americanas*, ocorrido em Lisboa, Coimbra e Porto. Faz-se justo e necessário agradecer ao convite para integrar o evento à Profa. Dra. Carmen Rial, coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro; ao Prof. Dr. Fábio Pinto, coordenador de Eventos Internacionais INCT Futebol; e à Profa. Ma. Marília Bonas, diretora técnica do Museu do Futebol. Os agradecimentos se estendem, da mesma forma, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entidade financiadora do INCT Futebol e à IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, organização social responsável pela gestão do Museu do Futebol.

Abstract

This text examines football as a key cultural force in Brazil, shaping collective memory, identity and shared social experience. It argues that the sport organizes emotional and symbolic repertoires expressed through rituals, supporter practices and everyday sociability. Media platforms play a central role in expanding football's visibility, producing emotional narratives, circulating iconic images and reinforcing its relevance in the national imagination. The article also explores how the Football Museum mediates these memories that activate individual and collective recollections throughout the exhibition. Finally, it highlights the growing diversification of football memory in Brazil, driven by the incorporation of previously marginalized histories such as women's football and grassroots/várzea football. These incorporations contribute to a landscape of competing narratives and broaden the cultural meanings attributed to the sport.

Keywords: collective memory; museology; football; identity; media.

Contextualização

O III Colóquio Internacional *O futebol visto pelas ciências humanas – estudos e perspectivas ibero-americanas*, organizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol), reconhece o futebol como fenômeno sociocultural de destaque no contexto nacional e, portanto, cumpre um papel absolutamente importante de incentivo e divulgação das pesquisas desse esporte. Ao mobilizar uma rede de estudiosos e pesquisadores do futebol brasileiro, o INCT Futebol conecta especialistas interessados no assunto, oriundos de diferentes partes do Brasil e do exterior, com o objetivo de fomentar e disseminar os estudos da área. Assim, o INCT realiza uma ação relevante ao valorizar o futebol e o esporte como elementos de destaque na vida contemporânea, motivo pelo qual constituem tema essencial de investigação acadêmica.

A existência do INCT Futebol, e de tudo que o congrega, é reflexo de um momento interessante em que o esporte se encontra atualmente em âmbito acadêmico. Do ponto de vista do histórico da temática enquanto objeto de pesquisa, o futebol foi lido e compreendido a partir de uma visão neomarxista que analisou o esporte conectado à disciplina e à alienação,

resultado da pós-revolução industrial do século XIX que o relegou a uma atividade de lazer do tempo livre (ou do não trabalho). Tal visão, predominante nos anos 1960, 1970 e 1980, posicionou o futebol como temática de pouco prestígio de pesquisa nas áreas da comunicação e das ciências humanas. Por esse motivo, o futebol demora a se desenvolver com seriedade nos círculos acadêmicos, ainda que possa ser considerado um esporte de massa desde os anos 1940. De acordo com José Carlos Marques (2020), a tradição crítica de análise marxista segue influenciando setores da academia brasileira.²

Tendo isso em vista, o presente texto insere-se na corrente teórica que compreende o futebol como objeto de investigação legítimo e profícuo no âmbito das ciências sociais, ao mobilizar aportes analíticos e referenciais de natureza histórica e sociológica e, no caso específico deste estudo, ao incorporar também as contribuições e metodologias próprias da museologia aplicada.

Este artigo está organizado em seis pontos que delineiam o percurso histórico de desenvolvimento do futebol e os elementos que sustentaram a constituição de uma memória coletiva sobre sua trajetória. Parte-se de uma abordagem da sociologia da memória e avança-se pelas noções de identidade, pertencimento e experiência social, a fim de compreender de que modo a exposição de longa duração do Museu do Futebol mobiliza esses referenciais para estabelecer uma conexão afetiva com seus públicos. O texto se encerra com uma reflexão sobre o legado de memória do futebol construído até o momento.

2 “A linguagem e o nível de complexidade do esporte permitem esse tipo de fácil acesso ao seu universo, não fechando suas portas nem aos informantes (jornalistas) nem aos informados. [...] Ao contrário de outros setores, como a economia e a política, onde não se permite às massas o acesso aos seus “bastidores”, no esporte isso é utilizado quase que de maneira compensatória” (Freitas Filho, 1985, *apud* Marques, 2020, p. 410).

Perspectivas sobre a memória coletiva e o futebol

Para a finalidade desse trabalho, as reflexões pioneiras feitas por Maurice Halbwachs no campo da sociologia da memória dialogam de maneira direta e objetiva com o que se propõe discutir aqui. O seu trabalho, *A memória coletiva*, publicado postumamente em 1950, apresenta a memória coletiva como tema fundamental dos processos históricos, ao mesmo tempo que fornece vitalidade para objetos culturais e preserva o valor do passado para grupos sociais: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (Halbwachs, 1990, p. 16).

Halbwachs (1990) estrutura a memória coletiva a partir de quatro referenciais que dão subsídios para a relação que se busca estabelecer aqui. O primeiro deles são os eventos em grupo que, segundo ele, são as lembranças dos acontecimentos e experiências que se encontram no primeiro plano da memória de um grupo e que dizem respeito ao maior número de seus membros.³ Nesse sentido, a memória destaca os acontecimentos que se referem à maior parte do grupo. O segundo deles são os pensamentos inspirados, ou como ele mesmo intitula “a lembrança individual como limite das interferências coletivas” (Halbwachs, 1990, p. 31). Nesse caso, ocorre

3 Interessante observar que Halbwachs também aponta sobre as lembranças que dizem respeito a um número pequeno de pessoas do grupo ou mesmo de apenas uma pessoa. Para ele, tais lembranças, diferentes daquelas que são compartilhadas por muitas pessoas, ficam no último plano da memória (Halbwachs, 1990, p. 31). O mesmo vale, no âmbito do esquecimento, quando a relação com determinado grupo é efêmera ou fraca: há a possibilidade de, individualmente, o membro de um grupo não se lembrar de fatos e detalhes de um acontecimento em específico, ao mesmo tempo que outros membros do grupo conseguem recordar com exatidão os ocorridos: “De um modo talvez menos brusco e brutal, na ausência de perturbações patológicas quaisquer, pouco a pouco nos distanciamos e nos isolamos de certos meios que não nos esquecem, mas de que conservamos apenas uma lembrança vaga. Podemos definir ainda em termos gerais os grupos com os quais nos relacionamos. Mas não nos interessam mais, porque no presente tudo nos afasta deles” (Halbwachs, 1990, p. 21).

a atribuição das lembranças à individualidade, reconhecendo que parte delas de fato são oriundas do indivíduo, mas inspiradas pelo grupo. Há uma vibração da memória que se encontra tão alinhada com os membros do grupo a ponto de se perder de onde partiu sua origem, se do indivíduo ou do próprio grupo. O mais interessante, nesse aspecto, é que Halbwachs (1990) apresenta como exemplo desse processo a possibilidade de tomarmos como nossa e com total convicção opiniões que podem ter sido tiradas de um jornal, um livro ou uma conversa. O terceiro deles são os pontos de vista individuais. Para o autor, a memória individual constitui-se como um ponto de vista da memória coletiva, que eventualmente se transforma de acordo com o contexto e que, esse mesmo contexto, também muda a partir das relações que são estabelecidas. Com isso, a memória coletiva obtém sua força e longevidade do fato de se apoiar em um conjunto de indivíduos que exercem suas lembranças enquanto membros do grupo. Por último, a própria ideia de impressões compartilhadas, cujo conceito parte da noção de que a confiança na exatidão da memória será maior quando a evocação se apoia não apenas na lembrança individual, mas também na dos outros (Halbwachs, 1990). Dessa maneira, os elementos destacados pelo intelectual francês para a elaboração da memória coletiva, quais sejam, os eventos vividos em grupo, as lembranças individuais moldadas pela convivência, os pontos de vista que se articulam em relação ao coletivo e as impressões compartilhadas que reforçam a confiança na recordação, encontram plena correspondência nas práticas sociais que se estruturam em torno do futebol, como se verá a seguir.

A constituição de uma memória coletiva vinculada ao futebol pode ser situada historicamente no momento em que as ligas municipais passaram a se estruturar e os campeonatos estaduais foram organizados, processo que fomentou a emergência de quatro comportamentos compartilhados em diferentes localidades: o hábito de frequentar os estádios para torcer por uma equipe; o costume de comentar os jogos com colegas; a prática de rememorar lances decisivos das partidas; e a eleição dos ídolos que se destacavam em campo (Proni, 2000). Essa perspectiva encontra respaldo na

reflexão de Roberto DaMatta, para quem existe uma sabedoria específica associada ao universo esportivo capaz de acionar uma “memória extraordinária”, abrangendo jogadas, resultados e personagens marcantes de cada confronto (DaMatta, 2004). No mesmo sentido, Armando Nogueira enfatiza que o futebol se distingue de outras modalidades porque alimenta controvérsias que extrapolam os 90 minutos de jogo; as discussões se estendem às mesas-redondas de rádio e televisão, aos bares, às páginas dos jornais e ao ambiente de trabalho, configurando um circuito ampliado de circulação de narrativas e interpretações (Proni, 2000).

No âmbito do imaginário popular, o futebol produz marcas duradouras a partir das emoções mobilizadas tanto pelas vitórias quanto pelas derrotas, já que, em relação às primeiras, prevalece uma dimensão de espetacularidade, ao passo que, nas segundas, sobressai uma forte carga de dramaticidade (Marques, 2020). Essa relação entre experiência afetiva e elaboração mnemônica é amplamente reconhecida pelas ciências cognitivas, que demonstram como a emoção atua no fortalecimento da memória de longa duração, de modo que “as experiências dotadas de maior componente emocional serão mais bem consolidadas e rememoradas pelo sujeito [...]” (Bezerra; Gusmão; Fermoseli, 2017, p. 65).

No plano coletivo – particularmente no universo das torcidas – consolidou-se um repertório simbólico que reforça a identificação grupal, composto por uniformes, hinos, bandeiras e, como já mencionado, pelos próprios comportamentos associados ao “ser torcedor” (DaMatta, 2004, p. 32). Esse conjunto de práticas, códigos e rituais contribui para a sedimentação de uma memória compartilhada, na qual elementos afetivos, sociais e culturais se articulam para produzir sentidos duradouros sobre a experiência futebolística.

Futebol, identidade e pertencimento

Para se compreender a relação entre futebol e pertencimento coletivo, é necessário regressar à década de 1930, momento em que o esporte está

se profissionalizando⁴ e é compreendido como manifestação cultural pela rapidez e abrangência com que se desenvolvia. Marcelo Proni aponta que o futebol foi apropriado tanto por governantes quanto por intelectuais do período, com o objetivo de buscar uma resolução para a questão do choque de valores oriunda da revolução de 1930, que colocou modernistas e tradicionalistas em confronto. Nesse contexto, o futebol foi classificado como “portador de uma identidade nacional” e necessitava de organização, regramento e estímulo (Proni, 2000, p. 117). Dessa ideia, parte a demanda de alinhar a figura do esportista como o novo herói, aquele ligado agora à metrópole moderna, uma vez que a popularização do futebol fez com que a prática do esporte se tornasse um locus de valorização da masculinidade⁵ e da virilidade (Proni, 2000).

Os ídolos, escolhidos pelos torcedores, assumem esse papel heroico e se constituem como elemento importante da identificação coletiva (Helal, 1997).

Do ponto de vista global, Hobsbawm, por sua vez, classifica a Copa do Mundo de 1930 como o momento em que o futebol se tornou verdadeiramente universal, ao reconhecer que o mundo havia tomado o esporte como seu, resultante da presença massiva dos britânicos no globo, que introduziram os clubes com nomes de empresas do seu local de origem ou compostos por expatriados britânicos. Para ele, a elegância e a simplicidade do esporte, aliadas às regras simples e à ausência de equipamentos, somadas à

4 Proni também afirma que, ainda que a profissionalização tenha representado uma abertura importante de portas, isso não se estendeu à emancipação das pessoas pretas (Proni, 2000, p. 118).

5 Édison Gastaldo, em seu texto *O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares* (2011) recupera um termo utilizado por Carmen Rial referente ao tipo de sociabilidade que os torcedores homens exercem como performance na interação com outros homens a partir de cenários de provocação, desafios e piadas na reação de um resultado de partida, especialmente as derrotas, denominado como “homossociabilidade” (Gastaldo, 2011, p. 152). Dessa forma, a afirmação da masculinidade e da virilidade se estende também aos torcedores, de modo particular, os homens, em uma dramaticidade teatral que se constitui e se reforça a cada experiência coletiva que participam.

possibilidade de prática em espaços abertos razoavelmente planos fizeram com que o futebol ganhasse merecido espaço no planeta (Hobsbawm, 1995). DaMatta reafirma esses pontos ao comparar o futebol com o basquete e com o futebol americano: em relação ao primeiro, não é necessário que os jogadores apresentem altas estaturas ou uma constituição física predefinida; ao passo que, em relação ao segundo, a ausência de capacete, ombreiras, protetor bucal e uma série de acolchoados ao longo do corpo reforçam o viés democrático que o futebol assume, uma vez que a bola está presa ao chão (DaMatta, 2004). DaMatta converge, da mesma forma, com a análise de Hobsbawm ao destacar que a força social do futebol também reside na simplicidade e na facilidade de compreensão de suas regras, bem como no fato de que tais normas são conhecidas previamente e preservadas ao longo da partida. Essa previsibilidade normativa, ao estabelecer um quadro regulatório estável e compartilhado, confere ao jogo um caráter horizontal entre os participantes, de modo que todos se submetem às mesmas condições de disputa. Por consequência, o futebol adquire um traço intrinsecamente democrático, na medida em que a igualdade formal perante as regras constitui um princípio estruturante de sua prática (DaMatta, 2004).

Do ponto de vista das agremiações, a questão da identidade tem relação direta com a modernidade uma vez que os nomes dos clubes, no contexto britânico, apresentavam de maneira enfática a relação com a cidade e sua dimensão associativa, como *United*, por exemplo, ou faziam referência à questão da mobilidade geográfica ainda presente no período, como é o caso de *Wanderers*, *Rovers*, *Rangers* (Giulianotti, 2002). Nesse sentido, os clubes acabavam se constituindo como um dos elementos da modernidade que emulavam a vida europeia, uma vez que a sua propagação se dá no contexto das mudanças complexas advindas da revolução industrial, da edificação dos estados nacionais além do fluxo imigratório da Europa para a América do Sul. No contexto sul-americano, os clubes também desempenharam um papel central na articulação de identidades coletivas, operando como núcleos simbólicos de referência para as comunidades de imigrantes. Assim como ocorria no cenário europeu analisado por Giulianotti (2002),

em que a nomenclatura das agremiações expressava vínculos diretos com a cidade, a mobilidade ou o associativismo, os clubes criados por diferentes grupos nacionais na América do Sul funcionavam como extensões culturais da pátria-mãe, preservando a língua, os costumes e as tradições trazidas do país de origem. Dessa forma, tais agremiações não apenas salvaguardavam um sentido de continuidade comunitária, mas também estabeleciam uma correspondência simbólica entre a estrutura do clube e a noção de nação ou de identidade local, articulando, em seu interior, elementos próprios das experiências migratórias e dos processos de formação social no continente⁶ (Hollanda, 2004). Tal relação direta com a nação fomentou o surgimento de exemplos de heroísmo e histórias míticas que passaram a integrar as histórias de origem dos próprios clubes, transformando-os em um “indivíduo coletivo” (Hollanda, 2004). Ary José Rocco Jr. contribui com esse aspecto ao dizer: “O futebol se converteu, então, em um elemento útil para estimular a integração simbólica, tão necessária para a conformação das identidades que estão na base dessas comunidades imaginadas que são as nações” (Rocco Jr., 2005, p. 180).

Por fim, no contexto brasileiro, a associação que foi realizada com o estado-nação⁷ remete diretamente para a concepção de identidade nacional surgida na década de 1930, resultado do processo de industrialização e urbanização do Brasil (Hollanda, 2004).

6 Arlei Sander Damo, em sua tese de doutorado, buscar realizar uma distinção entre o torcer e o pertencer. Para ele, são ações diferentes: “a ideia do pertencimento clubístico serviu para especificar um segmento de público militante e emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele. Pertencer se refere a uma modalidade de envolvimento que é, ao mesmo tempo intensa e ilusória” (Damo, 2005, p. 66).

7 Proni, por sua vez, ressalta que o pertencimento clubístico incentiva o desejo do compartilhamento de códigos, valores e costumes com um grupo em comum. Nesse sentido, a torcida se transforma no lugar de expressão de sentimentos e emoções, configurando-se com o *status* de nação, pois se reconhecem mutuamente e colocam em prática uma dialética do evento do jogo (Proni, 2000, p. 130).

Experiência social e emoção

No Brasil, o futebol mobiliza um amplo espectro de emoções, configurando-se como um espetáculo dotado de forte dimensão performativa. Sua estrutura narrativa permite o acesso do homem comum a diferentes regimes expressivos que emulam sentimentos e experiências coletivas: o drama, centrado na intensidade dos conflitos; a comédia, que incorpora o riso e a leveza como formas de sociabilidade; a fantasia, sustentada pela elaboração imaginativa de feitos extraordinários; e o suspense, marcado pela tensão, pelo mistério e pela expectativa que permeiam o desenrolar das partidas. (Proni, 2000). Nesse sentido, o futebol se apresenta como um campo privilegiado de elaboração simbólica, no qual emoções diversas se articulam para produzir significados compartilhados na cultura brasileira.⁸

Sendo um teatro elaborado tal como se apresentou, cabe a comparação interessante realizada por Arlei Sander Damo, em sua tese de doutoramento. Para ele, o futebol pode ser apreendido como configuração social singular, pois seus três principais agentes, quais sejam, os futebolistas, o futebol de espetáculo e os torcedores devem ser constituídos como “produtos e produtores de uma trama social e simbólica” (Damo, 2005, p. 30). Ao assumir o futebol como espetáculo, Damo busca uma equiparação de apreciação estética das artes plásticas ao relacionar os artistas, a obra e o público com os jogadores, os jogos e os torcedores, respectivamente. A admiração do espetáculo depende desses três agentes envolvidos. Já no âmbito performativo, por sua vez, há uma diferença de contextos entre aquele futebol praticado nos estádios e, por conseguinte, com o *status* de espetáculo, e aquele praticado por crianças na rua: enquanto no primeiro há uma demanda de atores bem preparados, no segundo, não. No entanto, ambos

8 Anatol Rosenfeld vai mais longe: “O futebol é uma expressão simbólica de energias primitivas, até destruidoras: é sua representação organizada. [...] o futebol leva a uma catarse das massas, a uma descarga do ser animal [...] e a uma sublimação de tensões que, como se mostrou, contam, no Brasil, com uma abundância extraordinária de pontos de cristalização e condensação” (Rosenfeld, 2020, p. 105-106).

possuem em comum o fato de que irão entregar performances que não poderão ser reproduzidas e nem ensaiadas e são, portanto, únicas (Damo, 2005). Nesse sentido, ainda que o futebol exija estrutura para se classificar como espetáculo, o esporte é, em sua essência, performativo da mesma maneira e, não por isso, deixa também de mobilizar emoções.

Dessa maneira, mais do que um fenômeno esportivo ou cultural, o futebol configura-se como uma forma de organização da experiência coletiva, capaz de condensar sensibilidades, produzir significados compartilhados e sustentar sociabilidades específicas. Importa reconhecer, contudo, que parte decisiva dessa configuração resulta dos processos de espetacularização fomentados pela mídia, cuja apropriação estratégica desse repertório emocional ampliou a visibilidade do futebol e o consolidou como produto cultural e comercial. Ao transformar emoções em narrativa e consumo, os meios de comunicação contribuíram para intensificar a dimensão pública do esporte, reforçando tanto seu alcance simbólico quanto sua centralidade no imaginário social brasileiro.⁹ Cabe ressaltar como a mídia especializada atuou como ferramenta de reforço do nacionalismo, propagando ideais de sentimentos de amor desinteressado pelas cores das camisas da seleção nacional (Rocco Jr., 2005).

A mídia como formadora de memória

“Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo.” É com esse bordão que o famoso locutor de rádio Fiori Gigliotti iniciava as suas transmissões de rádio.

9 Arlei Sander Damo aponta que “A compreensão do futebol como espetáculo deveria considerar, em quaisquer de suas variantes teóricas e metodológicas, a possibilidade de articular ao menos quatro processos que o caracterizam—no [...]: a) a constituição do público, que demarca—o enquanto espetáculo, incluindo—se a sensibilidade dos torcedores (como, por que e por quem excitam—se?); b) os dispositivos usados na preparação dos profissionais do e para o espetáculo [...]; c) a mediação especializada que, além da comunicação entre os profissionais propriamente ditos e o público, recria o espetáculo; d) as agências e os agentes que controlam política, administrativa e economicamente esta matriz futebolística, desde os clubes até a FIFA—IB, passando pelas interseções com o Estado, frequentes em toda a parte” (Damo, 2005, p. 41).

A alusão clara às cortinas do teatro e a menção explícita ao espetacular configuram exatamente os elementos dos quais se valeu a mídia para encampar o futebol enquanto produto mercadológico e palco de emoções.

Valendo-se exatamente do grande interesse que o esporte causava na audiência de modo geral, os veículos de comunicação se utilizaram desse produto para formatar uma relação muito específica de produtos e consumidores. José Carlos Marques fala de uma relação simbiótica entre o futebol e a imprensa brasileira: para ele, à medida que os eventos esportivos ocupam espaço privilegiado nas coberturas de jornais, rádio e TV, é a visibilidade midiática responsável por expandir o alcance do esporte, ampliando a audiência, estimulando o interesse público e criando uma demanda contínua por novos eventos, partidas e competições (Marques, 2020, p. 423). Nesse sentido, ao promover campeonatos, divulgar resultados e elaborar narrativas em torno de clubes, atletas e bastidores, os meios de comunicação posicionam o futebol enquanto conteúdo estratégico com potência de atração de leitores, ouvintes e telespectadores, fortalecendo sua lógica comercial.¹⁰

Por outro lado, a imprensa cumpre um papel não apenas de comunicação, mas de instituição do futebol enquanto fenômeno social, dando ao esporte relevância e formatando a maneira como é percebido pela sociedade. Esse movimento, resultado de uma monocultura esportiva que prevaleceu nos meios de comunicação por muito tempo, é fruto das parcerias das emissoras de TV com as entidades organizadoras do esporte que fez com que, por conta dos direitos de transmissão adquiridos dos campeonatos, a modalidade assumisse uma “hegemonia midiática” e ditasse a maneira como o fato esportivo fosse abordado nos programas de televisão (Marques, 2020, p. 420).

10 No processo de divulgação das partidas e dos campeonatos, a mídia também realiza a publicização indireta das entidades organizadoras e de seus patrocinadores (Marques, 2020, p. 423), reforçando ainda mais o caráter comercial do espetáculo esportivo.

É interessante observar, nesse sentido, como a imprensa também se tornou responsável pela projeção dos ídolos e dos eventos esportivos de maneira abertamente parcial, buscando a vinculação emocional do público a partir de narrativas que folclorizam os atores do futebol com o objetivo de construir imagens e hipóteses de seus acontecimentos. Isso não se dá por acaso. Uma vez que os atores brasileiros passam a integrar campanhas vitoriosas nos campeonatos, o trabalho desenvolvido pela imprensa ganha maior destaque, ensejando a produção de conteúdos em torno do campeonato, dos ídolos ou do próprio time. Não à toa, a parcialidade adotada a favor da seleção brasileira ou do time brasileiro que disputa um torneio internacional está alinhada a esta cobertura esportiva presa à campanha dos atletas ou a equipes nacionais:

Trata-se de um procedimento de anestesia coletiva, na qual as equipes brasileiras costumam ser cantadas e decantadas em verso e prosa por agentes midiáticos sempre que o início de uma competição se aproxima e logo que ela tem início (Marques, 2020, p. 420).

Exatamente sob o aspecto da mobilização nacional que: “A fusão de nacionalismo e futebol na indústria ‘mass-mediática’ permitiu aos meios de comunicação aumentarem a sua audiência e aos patrocinadores o aumento de suas vendas” (Rocco Jr., 2005, p. 180). Soma-se a isso o fato de as narrações, tanto pela TV quanto pelo rádio, recorrerem fortemente ao apelo emocional, principalmente nos grandes eventos, de modo particular a Copa do Mundo. Nessas oportunidades, tendo em vista o alto investimento não apenas nos direitos de transmissão, mas também em toda a infraestrutura de equipe e equipamentos para a exibição das partidas, os agentes midiáticos convergem para a narrativa da busca heroica pela taça. Esse relato foca na jornada de enfrentamentos com os adversários, visando sagrar a seleção brasileira campeã mundial mais uma vez.

Entendendo, por outro lado, a mobilização da própria torcida em torno das Copas, a mídia lança mão de dispositivos de captação de atenção

para engajar cada vez mais os telespectadores, tais como: vinhetas e chamadas especiais; quadros temáticos em telejornais e em programas esportivos; transmissões personalizadas centradas em histórias individuais de jogadores e suas trajetórias familiares, buscando identificação afetiva; grafismos e recursos visuais como tabelas interativas, simulações táticas, mapas de calor e outras estatísticas; interação direta com o espectador por meio de *hashtags*, enquetes e votações ao vivo, fazendo com que o público se sinta parte dessa programação e também coprodutor de seus conteúdos; séries documentais e minidocumentários que abrem a possibilidade de aprofundamento paralelo de histórias emocionantes e depoimentos exclusivos, complementando a transmissão tradicional; e, por último, as inserções publicitárias tematizadas que desenvolvem campanhas comerciais associando as marcas ao patriotismo e à emoção do evento, mantendo o torcedor/cliente imerso no clima de Copa.

Além disso, eventos como a Copa do Mundo são caros para se testemunhar presencialmente, e a televisão passa a ser o principal meio de se acompanhar o campeonato. Ary José Rocco Jr. traz uma contribuição interessante nesse sentido: em um estádio de futebol, duas pessoas não assistem ao mesmo jogo, exatamente porque não ocupam o mesmo lugar dentro da arena e, portanto, somam visão distintas da partida. Pela televisão, o jogo é exatamente o mesmo para todos os espectadores (Rocco Jr., 2005). Assim, a memória criada a partir da televisão não compartilha apenas os momentos marcantes; são precisamente as mesmas imagens que circulam na lembrança, aumentando exponencialmente o compartilhamento de referências visuais e afetivas entre os espectadores.

Com isso, a mídia ampliada acaba por exercer um papel fundamental de criação de signos compartilhados que não se prendem apenas ao tempo cronológico do evento futebolístico. Tais referências consolidam afetos, símbolos e episódios no imaginário social, de modo que os eventos esportivos passam a integrar o repertório de lembranças em comum que podem ser reconstruídas a cada edição.

O museu opera a memória coletiva do futebol

Inaugurado em 29 de setembro de 2008, o Museu do Futebol e sua exposição principal possuem uma linguagem predominantemente audiovisual e fortemente apoiada em recursos tecnológicos. O projeto museográfico assumiu um caráter inovador ao propor uma abordagem que articula pesquisa, comunicação e preservação do patrimônio futebolístico. Nesse sentido, o Museu do Futebol inaugurou no país uma perspectiva expositiva orientada pela experiência do visitante, elemento que se consolidou como diferencial estruturante de todo o circuito. O acervo museológico da instituição caracteriza-se majoritariamente por itens de natureza digital, incluindo materiais audiovisuais, fotográficos, textuais e iconográficos, provenientes tanto da produção interna do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) quanto de contribuições de terceiros. No caso destas últimas, a incorporação dos itens requer formalização de autorização, por meio de licença ou de cessão. A política de aquisição contempla tanto a produção quanto o recebimento de conteúdo para o acervo, sendo que os materiais textuais integram especificamente a Biblioteca do CRFB. Dessa forma, a constituição do acervo reflete a vocação contemporânea do museu, fundada na articulação entre memória, tecnologia e práticas documentais voltadas à salvaguarda da cultura futebolística (Museu do Futebol, 2021, p. 19-20).

Recentemente, sua exposição de longa duração passou por um intenso processo de renovação, que se configurou de maneira institucional transversal, planejado com base em avaliações internas e externas e pactuado no contrato de gestão e que redefiniu premissas curatoriais e operacionais do circuito expositivo. O percurso, com cerca de dois anos e meio, dos primeiros exercícios curatoriais à reabertura, resultou na ampliação da representatividade (com centralidade para o futebol de mulheres e o protagonismo negro), na atualização tecnológica dos suportes, na criação de recursos de acessibilidade multissensoriais e na revisão de salas e módulos, sem romper com a identidade sensorial do museu. Mais do que uma

intervenção de infraestrutura, a atualização mobilizou todos os núcleos do museu, reforçando a ideia de exposição como processo contínuo de preservação e comunicação e consolidando diretrizes que já vinham sendo formuladas desde o *Plano museológico 2021/2025* (Museu do Futebol, 2021), centradas no uso de recursos audiovisuais e digitais, na experiência do visitante e na articulação entre pesquisa, preservação e comunicação.

O Museu do Futebol foi instalado no avesso da arquibancada norte do Estádio do Pacaembu, agora sob gestão privada, com o claro objetivo de integração com um local que é repositório de memória do futebol brasileiro. Inaugurado em pleno Estado Novo, com a presença de Getúlio Vargas, o Pacaembu foi tombado pela prefeitura e pelo estado de São Paulo, de modo a preservar as características originais de sua fachada:

Por ser um local de memória do futebol brasileiro, o museu ali se agrega a outras camadas de interpretação e significado, o que se evidencia pela escolha do conceito de arquitetura brutalista, que, ao deixar à mostra as estruturas das arquibancadas do estádio, procura trabalhar um olhar sobre o futebol que alcance para além do aparente, procurando revelar aspectos subjacentes ao tema (Museu do Futebol, 2021, p. 16-17).

O Estádio do Pacaembu, onde se localiza o Museu do Futebol, é, por excelência, um lugar de memória. Pierre Nora (1993) define o lugar de memória como aquele que carrega três dimensões: a material, a simbólica e a funcional. Enquanto artefato urbano e arquitetônico, a materialidade do estádio persiste como suporte tangível de rememoração; no plano simbólico, o Pacaembu articula experiências afetivas e narrativas de modernização e identidade nacional que o excedem como simples arena; e, quanto à funcionalidade, mais do que abrigar eventos esportivos, ativa rituais, práticas e dispositivos que mantêm e renovam a memória social do futebol. A própria instalação do museu dentro do estádio é representativa desse processo de manutenção da memória do esporte.

Entre as quinze salas temáticas que compõem a exposição de longa duração do Museu do Futebol, sete foram selecionadas para a análise, por constituírem os pontos em que a narrativa expositiva mais claramente articula os elementos da memória coletiva do futebol apresentados ao longo deste estudo.

A primeira é a Grande Área, *hall* de entrada que reúne 487 imagens de origens diversas: flâmulas, bonecos, *pins*, discos, selos, entre outros, materializando a paixão do torcedor por seu clube em um conjunto de símbolos concretos de vínculo. Essa configuração dialoga diretamente com a noção de pertencimento clubístico, ao ancorar códigos compartilhados por um mesmo grupo de pessoas. Em termos curatoriais, opera-se aqui uma “musealização do pertencimento”: o arranjo iconográfico evoca de imediato a busca do visitante pelo emblema do próprio clube, ativando reconhecimentos afetivos e memórias partilhadas.

A segunda é a sala Pé na Bola, que apresenta uma videoarte organizada em seis televisores com pés infante-juvenis jogando em solos variados (tais como rua, grama, praia, terra batida, entre outros), sem áudio, sugerindo que “tudo é campo” e que o jogo nasce nos pés das crianças, dando ênfase à acessibilidade e à simplicidade do jogar futebol. Paulo Henrique do Nascimento dialoga com essa proposição ao afirmar que:

Ao utilizar-se do espaço público para se realizar, o futebol produz uma série de memórias, que marcam e demarcam as lembranças das pessoas, transformando assim o futebol em um intenso marcador de tempo e de memória, não só de cada indivíduo como também do coletivo (Nascimento, 2014, p. 39).

Aqui, a prática amplamente difundida no país de se jogar “peladas” ou “jogar na rua” (ao se referir a ambientes externos que não quadras de futebol) remete diretamente ao viés democrático e à horizontalidade de normas que o esporte possui, possibilitando sua prática em qualquer espaço, dando acesso às crianças e adolescentes numa dimensão de experiência precoce com o futebol e fecundando memórias de longa duração.

A terceira é a sala Anjos Barrocos. Onze telas com projeções de 29 jogadores e jogadoras (em tamanho natural) que passaram pela seleção brasileira e um som ambiente com batuques transformam a atmosfera da sala em um local de santificação desses personagens, quais sejam, Bebeto, Carlos Alberto, Didi, Djalma Santos, Falcão, Garrincha, Gerson, Gilmar, Jairzinho, Julinho Botelho, Nilton Santos, Pelé, Rivaldo, Rivelino, Roberto Carlos, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Sócrates, Taffarel, Tostão, Vavá, Zagallo, Zico, Zizinho, Marta, Sissi, Cristiane e Formiga. Estas últimas, adicionadas na renovação:

As fotografias originais foram tratadas e recortadas, de modo que a projeção tomasse apenas o corpo do jogador, sem os elementos que sugerem os contextos de onde a imagem foi tirada. As cores foram uniformizadas em tons de azul (duotone azul). Esse tratamento visou criar um ambiente em que o jogador é “santificado”, tal como as representações de anjos no movimento artístico conhecido como Barroco, marcado, entre outras coisas, pelo rebuscamento das formas. A beleza e sinuosidade dos movimentos de cada jogador em ação remetem a isso. Daí o nome da sala ser Anjos Barrocos (Museu do Futebol, 2008, p. 5).

A canonização museal do ídolo, ao reforçar a dimensão de idolatria atribuída aos jogadores, atua como um marcador de memória. Isso porque integra o próprio ritual do torcedor, que elege craques e os transforma em referências simbólicas de seu time ou da seleção nacional, fortalecendo o sentimento de pertencimento e mobilizando personagens que sustentam narrativas coletivamente compartilhadas.

A quarta é a sala Rádios, que apresenta quinze trechos de narrações de locutores esportivos que marcaram época entre 1934 e 2006. São eles: Antonio Cordeiro, Armando Pamplona, Ary Barroso, Edson Leite, Fiori Gigliotti, Gagliano Neto, Geraldo José de Almeida, Jorge Cury, José Carlos de Araújo, José Silvério, Oduvaldo Cozzi, Osmar Santos, Pedro Luiz, Rebello Jr. e Waldir Amaral. Nove cabines possibilitam ao visitante acessar cada uma das narrações por meio de um dial. Em cada cabine, além do áudio, uma

tela apresenta o *lettering* animado com a transcrição das locuções. Tal como acontece com a TV, o rádio possui a capacidade de unificar lembranças a partir da memória em comum da voz e dos bordões dos narradores radiofônicos. Nesse sentido, o ato da escuta, ainda que seja totalmente individual, opera uma cadeia de memória coletiva, uma vez que um grupo grande acessa a mesma narração, estabelecendo uma unificação do quadro social da memória por meio de um suporte comum. Os bordões, de modo especial, mobilizam repertórios simbólicos compartilhados, que dizem menos respeito ao conteúdo da partida e mais sobre como as partidas são narradas. Conjuga-se a isso o tom de emoção que os narradores imprimem nas locuções, visando, exatamente, o engajamento da audiência em uma tentativa de transparecer, pela voz, as sensações daquilo que está sendo observado ao vivo, reforçando o aspecto dramático das narrações. Não é incomum, ainda hoje em dia, que torcedores presentes no estádio de futebol carreguem um rádio para acompanhar as narrações em detalhes e com emoção.

A quinta sala é a Exaltação. Esta sala se aproveita das estruturas de sustentação do estádio para exibir, em sete telões, imagens e sons de torcidas de 30 clubes brasileiros: América-RN, Atlético Mineiro, Atlético Paranaense, Bahia, Botafogo, Ceará, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Figueirense, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Goiás, Grêmio, Guarani, Internacional, Náutico, Palmeiras, Paraná, Paysandu, Ponte Preta, Portuguesa, Remo, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport, Vasco e Vitória. Arquitetonicamente falando, é uma sala de grande impacto (visual e sonoro) para os visitantes, à medida que é possível adentrar uma área do estádio que não se encontra às vistas e que, somada ao volume alto dos gritos, hinos e batuques das torcidas ali representadas, projeta uma experiência semelhante à de estar presente em um estádio de futebol. No âmbito da ativação da memória, a sala atua com dispositivos de uma sociabilidade performativa que se dá dentro dos estádios de futebol, ativando repertórios simbólicos em comum do ato de torcer¹¹: os uniformes da torcida, seus hinos, ritos e bandeiras, tal como

11 Ato esse que, nos estádios de futebol, é coletivo por excelência.

já defendido por DaMatta. Em termos de experiência do visitante, a sala articula uma imersão audiovisual com a massa sonora e a verticalidade do próprio espaço para recrutar sensações do corpo torcedor, a fim de reforçar traços de uma memória sinestésica do ato de torcer nos estádios. Há ainda uma amplificação do pertencimento clubístico, aberto na Grande Área, que se consolida com a apreciação das torcidas em ação representadas na sala.

A sexta sala é a Rito de Passagem. Inserida em um contêiner com um telão ao fundo, possui entrada e saída fechadas com cortinas para abafar o som e bloquear a luz com o objetivo de imergir o público no vídeo que,

[...] acompanhado pelo som de batidas de coração, retrata um dos momentos mais trágicos e silenciosos que já houve nesse país nas últimas décadas: a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, diante do Uruguai (Museu do Futebol, 2008, p. 18).

A narração feita por Arnaldo Antunes agrega ainda mais densidade ao momento retratado na sala. Na proposta dessa sala, a emoção está em primeiro plano: há suspense, drama e derrota juntos. Do ponto de vista mnemônico, Rito de Passagem funciona como rememoração e potencialização do lugar da memória de longa duração. A derrota de 1950 foi acompanhada no rádio pelo país inteiro e por mais de 200 mil torcedores no Estádio do Maracanã, causando grande impacto na torcida brasileira e marcando seu lugar na história do futebol no Brasil. Inegável lembrar como Halbwachs (1990) trabalha esse aspecto: trata-se de um evento compartilhado por um grande grupo de pessoas no qual a memória do acontecimento é passível de recordação em conjunto. Assim, ao sincronizar as percepções do evento em um mesmo dispositivo, o visitante participa do silêncio de 1950 e se inscreve na memória coletiva, ainda que não tenha sido testemunha ocular do fato. Nesse sentido, é importante considerar que a memória coletiva também se organiza por perdas e lutos. Se, de um lado, Grande Área e Exaltação ativam o pertencimento do visitante por meio da celebração e da festa, Rito de Passagem compartilha a tristeza de uma derrota. Nesse caso, a emoção que emerge do evento também é socializada entre seus partícipes.

A sétima sala é Copas do Mundo. Organizada com um percurso em nove totens (estruturas metálicas em formato de troféu), inclui vídeos sobre cada edição e trilhas sonoras que ambientam a época. Os totens articulam informações esportivas (competição, lances, personagens) bem como contextos político-sociais e culturais (Brasil e mundo), deixando explícito que a memória das Copas excede o campeonato e se ancora em referências que circulam socialmente. Ao associar cada edição a imagens de marcos históricos da época, os eventos das Copas passam a ativar uma memória que não se circunscreve apenas ao campeonato, mas a um *zeitgeist*¹² de cada período. Desse modo, os fatos são lembrados com o grupo e pelo grupo, ativando um mecanismo potente de autoidentificação do visitante, que reconhece, nessas imagens, acontecimentos que testemunhou no momento em que ocorreram. Essa reatualização do passado é ainda mais intensa diante de episódios de grande impacto público, como a morte do piloto Ayrton Senna, que se inscrevem de maneira profunda no repertório emocional e na memória coletiva do país. Além disso, “completando o conteúdo, há trechos de músicas que marcam as épocas que sonorizam cada estrutura” (Museu do Futebol, 2008, p. 19); dessa maneira, reforçam ancoragens afetivas que atuam como gatilhos de memória, fortalecendo a durabilidade da lembrança.

Por uma memória mais diversa do futebol brasileiro

É inegável que, na história do futebol brasileiro, a modalidade masculina de campo se constitui como aquela em que se produziu mais lembranças compartilhadas no plano da memória coletiva. Isso não se dá aleatoriamente: historicamente, foi a primeira modalidade a se institucionalizar, organizando ligas, campeonatos e uma seleção nacional. Já nos anos 1930, estava presente em campeonatos de ordem internacional, como a Copa do Mundo

12 O termo alemão é utilizado aqui apenas como categoria descritiva, ajudando a qualificar contextos que ancoram memórias individuais em marcos coletivos.

no Uruguai, e, no decorrer dos anos, não sofreu nenhum tipo de interrupção estrutural no âmbito de sua prática divulgação. Como foi demonstrado também, o futebol masculino de campo se inseriu em um contexto de projeto de nação, carregando consigo esse elemento de identificação nacional. Somam-se a isso duas participações do Brasil em Copas do Mundo que imprimiram forte impacto emocional na memória coletiva brasileira: o trauma da derrota de 1950 e o tricampeonato de 1970, que consolidou, nacional e internacionalmente, a ideia do Brasil como o país do futebol. Do ponto de vista midiático, foi também essa modalidade que mais recebeu atenção da imprensa, desde os anos 1930, com a difusão do rádio e das narrações esportivas pelo país e, com mais força desde o final dos anos 1960, a televisão, que passou a transmitir e consolidar imagens icônicas das jogadas e das partidas. A mídia impressa, por sua vez, colaborou com o discurso narrativo de criação e fortalecimento de mitos e heróis no contexto dos clubes e da seleção nacional. Além desses fatores, é importante ressaltar o papel que a economia do futebol – enquanto produto – assume no reforço e na exposição da modalidade, movimentando a construção de grandes arenas, engajando marcas em ações de patrocínio e negociando direitos bilionários de transmissão, além de possuir um circuito internacional altamente midiático. Nesse sentido, quanto maior o investimento econômico, maior também a capacidade de se registrar, documentar, narrar e dar visibilidade aos acontecimentos de seu entorno. Isso também fez com que a memória institucional documental do futebol privilegiasse, historicamente, a modalidade masculina de campo. Os campeonatos (estaduais, nacionais e internacionais) e os clássicos, além da própria Copa do Mundo, reforçam um rito cíclico de repetição, mobilizando um calendário emocional coletivo e fortalecendo a memória em torno desses eventos.

Michael Pollak ressalta a importância de entender como os fatos sociais se tornam coisas e quem participa de sua consolidação: “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (Pollak,

1989, p. 4). Nessa perspectiva, o futebol masculino de campo apresenta um longo histórico de institucionalização, que permite, com mais facilidade, a criação de rituais recorrentes, marcos históricos e o surgimento de ídolos. A associação do esporte com eventos políticos, como a Copa de 1970, faz com que a modalidade esteja presente na memória política e cultural do país. A mídia acaba por produzir e selecionar uma memória do esporte, escolhendo aquilo que deve ser lembrado ou esquecido. Dessa forma, é possível afirmar que o futebol masculino de campo foi o único autorizado, institucionalmente, a produzir uma memória própria por décadas.

Tendo isso em vista, é absolutamente imprescindível tornar a memória do futebol brasileiro mais plural e diversa. É Pollak, novamente, quem aborda a temática dos silenciamentos da memória a partir da seguinte provocação:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p. 8).

Sendo o futebol masculino de campo a memória coletiva organizada, qual(is) seria(m) a(s) memória(s) coletiva(s) silenciada(s) do futebol brasileiro? Dois exemplos serão abordados aqui. Em uma primeira camada, mais óbvia, estaria o próprio futebol feminino. Legalmente proibido entre 1941 e 1979, a sua prática clandestina no Brasil não possibilitou ampla cobertura midiática, além de ter produzido pouco registro histórico e documental. Suas memórias existem e foram, durante muito tempo, impedidas de se tornarem públicas e legítimas. Sobre isso, Aira Bonfim aponta:

Ainda hoje, organizações internacionais e federações nacionais de futebol justificam sua negligência em relação às mulheres atletas com base numa suposta falta de tradição no esporte. Estas instituições tratam-nas como recém-chegadas [...] (Bonfim, 2023, p. 299).

Em um outro lugar está o próprio futebol de várzea e das periferias que, apesar de ser praticado massivamente, por seu carácter extraoficial, possui memórias ligadas às comunidades com arquivos fragilizados e um nível mais baixo de institucionalização. Ainda que se trate de memórias vivas, são pouco reconhecidas como parte da história oficial do futebol.

Se Pollak (1989), de um lado, ajuda a identificar os silêncios estruturais, o presente, do outro, permite observar como esses silêncios começam a ser tensionados. Nesse sentido, é possível dizer que essas memórias, tanto a do futebol feminino quanto a do futebol de várzea/periférico, estão em um processo de disputa no espaço de narrativas a partir do momento em que passam a se tornar temas de pesquisa, produtos de documentários, matérias jornalísticas, transformando-se em objetos de políticas de memória, operando uma transição do subterrâneo para o institucional. Soma-se a isso o fato de que os agentes produtores de memória se diversificaram nos últimos anos com as redes sociais, os coletivos de memória, uma produção acadêmica ampliada e a visibilidade dessas modalidades em projetos participativos (tanto de exposições quanto museológicos) alterando, dessa forma, a estrutura hegemônica da memória, uma vez que há mais narradores e meios de divulgação das suas histórias relacionadas.

O Museu do Futebol, a partir da renovação de sua exposição de longa duração, cumpre um papel importante de revisão historiográfica da memória tradicional, atuando como um mediador entre a memória oficial e as memórias emergentes. No âmbito do futebol feminino, por exemplo, a sala das Origens, dedicada a apresentar a evolução histórica do esporte desde o século XIX até a década de 1930, foi reformulada para conferir maior centralidade à trajetória do futebol praticado por mulheres. O novo percurso expositivo incorpora conteúdos inéditos provenientes de coletas e cessões realizadas por jogadoras, treinadoras e jornalistas esportivas, incluindo imagens raras que registram a prática do futebol por mulheres brasileiras a partir da década de 1920, atualmente reconhecidas como os registros visuais mais antigos conhecidos sobre o tema. A sala Copas do Mundo, por sua vez, passou a dedicar quatro módulos, quais sejam Defesa, Drible,

Contra-ataque e Gol, à trajetória do futebol feminino, destacando sua história e processos de resistência entre meados do século XX e a consolidação da modalidade no cenário internacional a partir de 1988, com o Torneio Experimental na China. O percurso expositivo também passou a integrar todas as edições da Copa do Mundo Feminina desde 1991, apresentadas em articulação com as Copas masculinas (Museu do Futebol, 2026). Sobre o futebol de várzea, é em 2024 que o tema ganha sua primeira exposição temporária, intitulada *Vozes da várzea*, reconhecendo o importante papel articulador territorial que exerce, mobilizando economias locais, fortalecendo práticas culturais e promovendo vínculos comunitários que refletem dinâmicas de sociabilidade e resistência na cidade. A exposição apresentou um panorama sintético da história, das memórias e das expressões comunitárias que caracterizam o futebol de várzea em São Paulo (Museu do Futebol, 2026).¹³

Esses exemplos demonstram como o museu busca atuar na ruptura de silêncios estruturais, desenvolvendo uma política de memória aplicada. Ao promover essa atualização de caráter contemporâneo, ressalta-se que não se trata de um apagamento da memória hegemônica, mas de uma reconfiguração de seus significados e proporções no conjunto narrativo. Ainda que o futebol masculino de campo continue central, a modalidade não escapa de tensionamentos e questionamentos, complexificando sua narrativa e realizando um exercício de ampliação, e não de substituição. Dessa maneira, se antes havia uma narrativa dominante que organizava a memória, hoje é possível observar o que Pollak chama de “memória em disputa” (Pollak, 1989, p. 4), com múltiplos agentes que buscam reconhecimento, visibilidade e legitimidade. Por último, há uma questão importante para se pensar: a internet pode ser considerada hoje como o principal meio

13 Nesse aspecto, é importante destacar que ambas as temáticas aqui apresentadas como exemplo são objeto de pesquisa e resultado de uma busca contínua por acervos que compatibilizam as histórias ali expostas, em um papel fundamental de resgate e preservação dessas memórias que se desenvolveram ao longo da trajetória do museu.

de democratização da produção da memória. No entanto, os seus algoritmos acabam por criar “bolhas de visibilidade”. Há um risco iminente aqui: os silêncios estruturais do passado poderiam ser substituídos por silêncios algorítmicos.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Mirna Gabrielle Chaves Ernesto; GUSMÃO, Joyce Elisama de Lima Silva de; FERMOSELI, André Fernando de Oliveira. A importância da emoção no processo de consolidação da memória e da aprendizagem. *Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 4, n. 2, p. 57-68, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/download/4065/2604/14789>. Acesso em: 8 abr. 2026.

BONFIM, Aira. *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: Edição da Autora, 2023.

DAMATTA, Roberto. O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais. In: ROSA, Alexandre Machado (org.). *Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania*. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

GASTALDO, Édison. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do*

esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol e as ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

MUSEU DO FUTEBOL. *Guia geral da exposição de longa duração*. São Paulo: Museu do Futebol; IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2008.

MUSEU DO FUTEBOL. *Plano Museológico 2021/2025*. São Paulo: Museu do Futebol; IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. *Novo Museu do Futebol*. São Paulo, [2024-]. Exposição de longa duração. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

MUSEU DO FUTEBOL. *Vozes da Várzea*. São Paulo, [2024-2025]. Exposição temporária. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. A dificuldade do torcedor brasileiro em lidar com derrotas nas Copas do Mundo. In: GIGLIO, Sérgio Settani (org.); SILVA, Diana Mendes Machado da (coord.). *O Brasil e as Copas do Mundo*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROCCO JR., Ary José. Novas tecnologias e as torcidas virtuais (a transformação da cultura do futebol no século XXI). In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo (orgs.). *Comunicação e esporte: tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte e sociedade em escritos de Roberto DaMatta. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol e as ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.